

Sábado

03-10-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Política

Dimensão: 291

Imagem: S/Cor

Página (s): 8



Editorial

O pequeno mundo do Bloco

O Bloco de Esquerda teve o seu pior resultado numa eleições autárquicas desde 2001, quando só concorreu a 70 municípios, mas na noite eleitoral João Semedo só falou da derrota “monumental”, “colossal”, “brutal” e “generalizada” das ligações do PSD e do CDS. O Bloco de Esquerda perdeu a sua única presidência de câmara e falhou a eleição de qualquer vereador em Lisboa e no Porto, mas na noite eleitoral João Semedo só identificou dois partidos onde os resultados das autárquicas podem criar instabilidade interna: PSD e CDS. O Bloco de Esquerda conseguiu eleger apenas oito vereadores a gritarem contra o programa de ajuda externa em todo o País, mas na noite eleitoral João Semedo só viu uma enorme derrota da política de austeridade e da política da troika. O Bloco de Esquerda perdeu mais de 46 mil votos, mas na noite eleitoral João Semedo só responsabilizou dois dirigentes partidários pelos resultados: acertou, nenhum era do Bloco de Esquerda.

Tal como o PSD, o Bloco de Esquerda perdeu estas eleições de forma esmagadora. Mas, ao contrário do PSD, o Bloco de Esquerda recusa-se a assumir isso ou a tirar conclusões nacionais dos resultados. Segundo João Semedo, uma parte da derrota deve-se à sempre habitual cobertura tendenciosa e “desigual” feita pelos meios de comunicação social, que insistem em perseguir a esquerda e impedir centenas de milhares de eleitores de votarem em quem deveriam votar. Segundo José Soeiro, outra parte da derrota deve-se ao facto de a campanha do Porto ter sido dirigida para “jovens e agentes criativos que trabalham no Porto, mas não votam lá”. E, segundo Marisa Matias, a última parte da derrota deve-se a um fenómeno incompreensível: “Há uma grande aceitação do Bloco nas ruas” que, infelizmente, não se traduz em votos.

O grande problema do Bloco de Esquerda é um problema comum a grande parte das ditaduras de extrema-esquerda que conseguiram chegar ao poder: existe o mundo do partido, que está abençoadamente certo; e existe o resto do mundo, que está inexplicavelmente errado.

JOÃO SOUSA, QUE ACABA de se tornar no primeiro tenista português a ganhar um torneio ATP, é uma pessoa muito bem formada. Por isso, quando lhe pediram que revelasse os seus de-

sejos para o futuro, disse que pretendia “aproveitar este título para elevar ainda mais o nome de Portugal e do ténis nacional”. E quando lhe pediram um comentário às declarações de Cavaco Silva – que se congratulou pelo facto de esta vitória “projectar o nome de Portugal para o top” – disse ter ficado muito contente com as palavras do Presidente da República.

Mas a verdade é que “Portugal” está apenas a aproveitar uma boleia oportunista de alguém que teve de vencer sozinho – o País está a aproveitar os sacrifícios dos outros para fazer de conta que é uma grande potência do desporto, capaz de surpreender o mundo com os seus feitos.

Quando, aos 15 anos, João Sousa decidiu dedicar-se ao ténis, teve que ir para Barcelona – em Portugal não tinha condições, nem instalações, nem meios para se tornar um desportista extraordinário.

Quando precisou de dinheiro para viver em Espanha, não

O Bloco de Esquerda teve a maior derrota eleitoral desde 2001, quando só concorreu a 70 municípios, mas as palavras de João Semedo foram para falar da derrota “brutal”, “colossal” e “monumental” do Governo

teve direito a bolsas nem subsídios – os seus pais pediram um empréstimo bancário, naquilo que João Sousa descreve como “um grande esforço financeiro” (detalhe importante: forçaram-no a continuar os estudos ao mesmo tempo que jogava).

Quando precisou de mais dinheiro para pagar a sua permanência no circuito internacional de ténis, cujos custos podem chegar aos 100 mil euros anuais, nenhuma empresa portuguesa quis ajudá-lo (só tem patrocínio de uma marca de raquetas) – esta semana, numa entrevista, revelou que, “infelizmente”, a “falta de patrocínios é constante no mundo do ténis e mais ainda quando se é português...”.

O que João Sousa fez no fim-de-semana passado foi extraordinário, mas convém sublinhar isto: o mérito foi todo dele. Os políticos portugueses, as empresas portuguesas e o “povo” português não arriscaram nada e não ganharam nada. ●